

O PRAZER DO TEXTO DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Rodrigo da Costa Araujo¹

Resumo: Leitura/resenha do livro *O fio da palavra* (2012), de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012). De perfil metalinguístico, este livro reforça que a poesia está sempre friccionada nos interstícios do texto - feito Roland Barthes - no registro delicado e sensorial da palavra, mesmo se o tema não é erótico, erotiza o significante.

Palavras-chave: *O fio da palavra* - erotismo - Bartolomeu Campos de Queirós

Este exercício de leitura ou resenha de livro, como pensamentos capsulares sobre a escrita, atravessa um conjunto de fragmentos, percepções sobre o livro *O fio da palavra* [2012], de Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012). A busca desses “fios”, memórias, fragmentos ou reflexões de uma leitura acompanharão o raciocínio do livro *Le plaisir du texte*, de Roland Barthes e a concepção de texto enquanto tecido plural e escrevível, certa metodologia prazerosa e descentrada.

O fio da palavra é uma espécie de elogio, que, como outros gêneros do escritor, transgredir as regras textuais de uma simples confissão. Simultaneamente ao ofício de escrever, o escritor transforma o próprio texto em uma espécie de mapa de trilhas, desvios da linguagem ou de paisagens. O livro é o próprio texto de prazer ou gesto erótico da linguagem. Um mapa que se confunde com o próprio território e confissões da vida íntima, sob o viés da memória que se entreabre delicadamente.

Os fragmentos se confundem com a própria confecção, textualidade, tecido, trança textual, deleite: “O texto que escreve tem de me dar a prova de que me deseja. Essa prova existe; é a escrita. A escrita é isto: a ciência das fruições da linguagem, o seu Kamasutra” (BARTHES, 2004, p.11).

Pelas delícias de uma leitura afetuosa e de uma escrita delicadamente “erotizada” *O fio da palavra* traça o desvio da sintaxe na fluência do verbal, sempre a procura do desejo sem lugar. Assumindo, deliberadamente, a posição

¹ Rodrigo da Costa Araujo é Doutorando em Literatura Comparada pela UFF, Mestre em Ciência da Arte, também, pela UFF, professor de Teoria da Literatura, Literatura infantojuvenil e Arte Educação dos cursos de Letras e Pedagogia da FAFIMA - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé. Coautor das coletâneas *Literatura e Interfaces* e *Leituras em Educação* lançadas recentemente pela Editora Opção. E-mail: rodricoara@uol.com.br



do amor pela literatura ou pela escrita, Bartolomeu Campos de Queirós endossará sua produção, a partir de proposições metalinguísticas.

O fio da palavra, como a proposta de Roland Barthes, assumirá o jogo da escritura, é ele mesmo o texto de gozo, escrita hedonista: “O texto de gozo deve estar do lado de certa ilegibilidade. Deve abalar-nos, não só em nosso registro de imagens e de imaginação, mas no nível da própria língua”. (BARTHES, 1995, p.231).

Assemelhando-se do livro *Le plaisir du texte* - que desenha a cena da leitura como cena erótica -, *O fio da palavra* assinala, de acordo com a semiologia barthesiana, que o texto deseja o leitor e o leitor, por sua vez, é objeto do gozo do texto. Esse prazer do texto não é apenas o prazer que o leitor manifesta, diante dele, na leitura, mas, também, e, sobretudo, o prazer que *palavra* tem e a que o leitor é envolvido.

Os fragmentos e o tom fragmentário do livro correspondem a certo olhar poético e subjetivo do processo da escrita. Essas delicadas impressões caleidoscópicas que surgem em minitextos, recados, poesias, anotações, jogos de sentidos, - o que caem como uma folha - assumiriam o desejo de um livro delicado, e, de certa forma, revelaria o próprio desejo do escritor-esteta.

Ao abeirar-se do livro, nomeando sentidos (haverá sempre sentidos esquecidos, nunca se poderá reunir todos os sentidos na arena de uma rigidez, de uma grelha analítica) percebe-se o enriquecimento que paralelamente atinge o texto, o labor orquestrado por uma narratologia alegorizante, quase um objeto lúdico desse leitor instrumentado e armado, que é o escritor-esteta. *O fio da palavra* é texto hifológico, objeto lúdico e lúbrico, torneado habilmente pela criteriolgia que se resolve em espetáculo, de cariz delicado, diante da escrita eleita.

O livro é o poder multiplicador de fragmentos errantes, paisagens imaginárias, amor pela palavra; todas as descrições literárias são cenas, como do peitoril de uma janela? Dir-se-ia que a enunciação põe-se à janela. A realidade do mundo da escrita é transformada em objeto.

O leitor desse delicado livro é criado pelo contato com ele; ele - a obra - opera transformações, não ganha um significado, mas dá certo sentido a um conjunto fora de si mesmo, que é o receptor.

O fio da palavra gera em si certo enigma, que se apresenta, se esconde, se disfarça. A dissimulação tece-lhe o corpo e estabelece o jogo, onde cada voz e cada termo se afiguram como máscaras que, apenas em avaliação, possibilitam ver onde se fia um traço comum. Traço, ele mesmo, nem sempre igual, mas aproximado, seja pela harmonia momentânea (lugar onde os significantes se interseccionam, produzindo uma direção, dado o fragmento), seja pelo desejo de encontrar o outro.

O rastro delicado da teatralidade persiste em *O fio da palavra* como traço da escrita queirosiana, em que a dramatização dos discursos na cena do texto o faz transbordar pouco a pouco. A aranha imaginária tece a prosa poética e delicada de Bartolomeu Campos de Queirós como a tessitura do seu próprio ofício, como nesse fragmento: “Aos poucos - e lentamente - minha aranha começa o seu bordado. Sobre o espaço do papel vazio uma geometria exata vai se formando. Ela amarra na beira da folha a ponta do fio e puxa até a outra





extremidade. Sua primeira escrita tem que ser forte para suportar o peso da espiral, que brota infinitamente de seu ofício” (QUEIRÓS, 2012, p.24).

Fiar a seda é o trabalho das aranhas e da escrita nesse livro. Executá-las com maestria essa geometria, não é um diferencial, é uma condição para a prosa bem construída e delicada. Fio a fio, temos um texto trançado, arquitetado, elaborado como obra artística que encanta aos olhos. Por isso, nessas confissões, o ato da escrita assemelha-se com o trabalho das aranhas tecedeiras, aquelas de muitas patas e um variado número de olhos que tece teias. Com certeza, elas na sua abordagem em armar um mundo laboriosamente são metáforas instrutivas para quem deseja escrever. Não à toa, elas simbolizam a escrita, são inventoras do alfabeto e musas da criatividade em mitologias de várias culturas.

As dramaticidades do livro e do ato de tecer pressupõem a pluralidade dos discursos e dos sujeitos que na cena do Texto se cruzam.

A eclosão das significações através desses fragmentos, das anotações de possíveis forças do texto é, enquanto estratégia discursiva, uma perspectiva de leitura móvel. Como enigma, o plural do texto esconde o seu significado, mas dá os seus sentidos. E nisto reside o jogo queirosiano. *O fio da palavra* propõe-se como incompleto, encoberto, como regiões da subsistência. Pelo enigma aos poucos revelado, sob a metáfora da aranha ou das confissões, poder-se-ia começar o vasto trabalho do *discours amoureux* da escrita, de seu trajeto, de sua delicadeza e silêncio - de sua discreta e elegante escritura.

Abstract

Reading / book review of *The Wire Word* (2012), Bartolomeu Campos de Queiroz (1944-2012). Metalinguistic profile, this book reinforces that poetry is always rubbed in the interstices of the text - done Roland Barthes - on record and delicate sensory word, even if the subject is not erotic, eroticizes the signifier.

Keywords: Wire word. Eroticism. Bartolomeu Campos de Queiroz

Referências:

BARTHES, Roland. *Incidentales*. São Paulo. Martins Fontes. 2004.

BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris. Seuil. 1973.

_____. *Fragments d'un discours amoureux*. Paris. Seuil. 1977.

_____. *O Grão da voz*. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1995.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O Fio da Palavra*. Ilustrações de Salmo Dansa. Rio de Janeiro. Galera Record. 2012.38p.